

Cotidiano acadêmico, saúde mental e terapia ocupacional: encontros entre pesquisar e cuidar de si e do outro

Academic everyday life, mental health and occupational therapy: encounters between researching and caring for self and other

Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima

<https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v32i1-3e203957>

Lima EMFA. Cotidiano Acadêmico, Saúde Mental e Terapia Ocupacional: encontros entre pesquisar e cuidar de si e do outro. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2021-22 jan.-dez.;32(1-3):e203957.

RESUMO: Este texto foi apresentado em aula aberta organizada pelos três Programas de Pós-graduação em Terapia Ocupacional do Brasil: Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar, Pós-graduação em Estudos da Ocupação da UFMG e Mestrado Profissional em Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social da USP. O convite que me foi feito salientava os tempos difíceis que temos vivido e as várias manifestações de sofrimento psíquico de pós-graduandas(os), e propunha uma exploração dos desafios atuais de pesquisar e ser pesquisadora e pesquisador terapeuta ocupacional, em diálogo com a produção de cuidado e saúde mental. Este texto é uma tentativa de abrir uma conversa sobre como ser terapeuta ocupacional e pesquisadora de um modo a considerar distinguindo, mas sem separar, produção de conhecimento, produção de cuidado e promoção da saúde mental. Dez gestos orientaram o caminho trilhado: aproximar-se do problema; colocá-lo em análise, considerando sua atualização em experiências cotidianas nos espaços da produção de conhecimento; olhar mais atentamente para os espaços da produção de conhecimento; sentir os efeitos em nós; pensar as resistências, o cuidado e a criação de outros modos de vida no âmbito dos saberes; lentificar a ciência; escutar as feministas; corporificar os devires; devir para cuidar; e, imaginar.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde mental; Saúde dos estudantes; Cuidado de saúde culturalmente sensível; Terapia ocupacional.

Lima EMFA. Academic Everyday Life, Mental Health and Occupational Therapy: encounters between researching and caring for self and other. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2021-2022 Jan.-Dec.;32(1-3):e203957.

ABSTRACT: This text was presented at an open class organized by three Post-Graduate Programs in Occupational Therapy in Brazil: Post-Graduate Program in Occupational Therapy at UFSCar, Post-Graduate Program in Occupational Studies at UFMG and Professional Masters in Occupational Therapy and Social Inclusion Processes at USP. The invitation made to me highlighted the difficult times we have been living and the various manifestations of psychic suffering of post-graduate students, and proposed an exploration of the current challenges of being an occupational therapist researcher, in dialogue with the production of care and mental health. This text is an attempt to open a conversation about how to be an occupational therapist and researcher in a way that considers distinguishing, but not separating, knowledge production, care production and mental health. Ten gestures guided the path taken: approaching the problem; putting it under analysis, considering its actualization in daily experiences in the spaces of knowledge production; looking more attentively at the spaces of knowledge production; feeling the effects on us; thinking about resistances, care, and the creation of other ways of life in the spaces of knowledge; slowing down science; listening to the feminists; embodying the becoming; becoming to care; and, imagining.

KEYWORDS: Mental health; Students' health; Culturally sensitive care; Occupational therapy.

Texto elaborado a partir da Tese de Livre-docência "Vida ativa, mundo comum, políticas e resistências: pensar a terapia ocupacional com Hannah Arendt", defendida na FMUSP em 2017. Texto apresentado em aula aberta organizada pelos três Programas de Pós-graduação em Terapia Ocupacional do Brasil: Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional - UFSCar, Pós-graduação em Estudos da Ocupação - UFMG e Mestrado Profissional em Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social da USP. Professora associada, Curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, orientadora no Mestrado Profissional Terapia Ocupacional e os Processos de Inclusão Social - FMUSP, e no Programa de Pós-graduação Estética e História da Arte - MAC-USP. Coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional - USP. <http://orcid.org/0000-0003-0590-620X>.

Endereço para correspondência: Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima. Rua Cipotânea, 51 - Cidade Universitária - Butantã, São Paulo, SP. CEP: 05360-160. E-mail: beth.lima@usp.br

PRIMEIRO GESTO: APROXIMAR-SE DO PROBLEMA

Nos últimos anos, temos acompanhado uma crescente preocupação com o sofrimento psíquico e sociopolítico¹ que atinge os jovens, com prejuízos em todas as esferas da vida, incluindo o desempenho acadêmico. O tema é complexo e está relacionado com a dinâmica social como um todo, com o modo de produção capitalista, e com traços específicos de como essa dinâmica social e esse modo de produção se inscrevem nos espaços de produção de conhecimento.

O reconhecimento do problema e da necessidade urgente de encará-lo, é o primeiro passo para colocá-lo em análise e pensar possibilidades de enfrentamento. No curto espaço deste texto quero desenhar rapidamente o problema, colocá-lo em análise numa certa perspectiva, e pensar algumas linhas de deslocamento que gerem ambientes mais colaborativos nos quais o cuidado possa se dar.

Começo com algumas informações, obtidas no livro *“Síntese rápida para enfrentamento do sofrimento psíquico de universitários: é tempo de uma política”*, organizado por Emiliana Gaiotto juntamente com um grupo de pesquisadoras de diferentes áreas da saúde. O livro aponta que os problemas de saúde mental são globalmente preocupantes e que o desfecho do suicídio é grave problema de saúde pública, despontando como a segunda causa de morte no planeta entre jovens de 15 a 29 anos, atrás somente das mortes por violência. O Brasil é o primeiro país no ranking internacional de transtorno de ansiedade e o quarto no número de indivíduos com depressão e problemas de saúde mental².

Neste contexto, muitos estudos apontam que o ambiente universitário tem provocado altos níveis de estresse e desgaste e baixos níveis de bem-estar para os acadêmicos. Em particular, os pós-graduandos têm seis vezes mais chances de sofrerem de depressão e ansiedade do que a população geral³. A interseccionalidade entre sofrimento psíquico, as questões de raça, classe, gênero e etnia e as diversas formas de discriminação e violência estão presentes também no ambiente acadêmico. Nas últimas décadas, houve um crescimento notável de pesquisas que estudam as maneiras pelas quais o racismo, a homofobia, o machismo, o capacitismo afetam adversamente a vida e a saúde das pessoas. Soma-se a isso a experiência da pandemia que tem atravessado a vida cotidiana e o ambiente acadêmico com todos os seus impactos na vida relacional.

Atuando na pós-graduação, como professoras e alunas, movemos a máquina das universidades no Brasil dos nossos tempos, mantendo seu funcionamento. Estamos todas, portanto, diretamente implicadas na produção deste problema que é o sofrimento psíquico contemporâneo, que

se materializa também nas Universidades e em particular nos programas de pós-graduação.

SEGUNDO GESTO: COLOCAR EM ANÁLISE

Essas discriminações e violências, que se apresentam de forma cotidiana, relacionam-se a relações de poder e saber que sustentam o funcionamento social. Sua atualização nos ambientes de ensino e pesquisa nos permite colocar em análise essas relações de poder e saber presentes também nos programas de pós-graduação: relações coloniais, patriarcais, práticas elitistas, machistas e racistas, articuladas ao modo de produção capitalista que hoje atravessa todos o processo de produção de conhecimento.

Para pensar este grave estado de coisas é preciso insistir na ideia de que os desafios colocados aos pós-graduandos não se dissociam de um mal-estar presente na vida social, que se materializa em múltiplas formas de sofrimento psíquico e sociopolítico.

Ao nos aproximarmos de alguém que sofre ou ao atravessarmos a experiência do sofrimento psíquico, temos acesso à materialização de um sofrimento coletivo que ganha visibilidade num corpo singular. Um sintoma de sofrimento que se cristaliza num corpo e pode ganhar contornos de adoecimento - levando, na maior parte das vezes a uma individualização e medicalização desse sofrimento. Mas essa cristalização fala de um certo funcionamento social, de um tempo e de uma história produtores de sofrimento psíquico. Para Machado⁴, faz parte do percurso de trabalho com essas situações, que possamos restitui-las a sua esfera pública de produção. Isso por dois motivos: em primeiro lugar, para que possamos agir no processo de produção dessas situações; em segundo lugar, porque quem vive essas situações não se liberta de um tipo de sofrimento, de um tipo de cristalização, de uma experiência de restrição, se não acessar essa produção pública do sofrimento. Considerar a produção dessas questões é muito necessário quando nos deparamos com o modo como esse funcionamento social se singulariza na história e no sofrimento de uma pessoa. Para compreendermos esse processo temos que olhar para a produção dos modos de vida que caracteriza o nosso mundo. Sem fazermos essas articulações é difícil desmanchar aquilo que se cristalizou no corpo de alguém⁴.

Mas, se a pós-graduação é um lugar onde esses processos aparecem, ela é também um lugar a partir do qual podemos olhar esses processos e um lugar onde esses processos podem ser pensados, problematizados e ganhar uma dimensão pública e coletiva. A pós-graduação é um lugar no qual as experiências de sofrimento psíquico emergem, um espaço de pesquisa dessa problemática e um espaço

de disputa de diferentes formas de sua compreensão e de seu enfrentamento.

Compreender como se produz o sofrimento psíquico no cotidiano do trabalho de pesquisa e da pós-graduação é também ver como o modo de produção capitalista atravessa todo o cotidiano acadêmico e como ele está enraizado em nós. É também identificar as linhas de resistência e de invenção que se fazem no interior desse campo.

Então nos perguntamos, o que, em nosso modo de vida, tem provocado tanto sofrimento psíquico e como isto se atualiza na pós-graduação, na pesquisa e na produção de conhecimento de um modo particular?

TERCEIRO GESTO: OLHAR MAIS ATENTAMENTE

As Universidades são fábricas de produzir conhecimento e de produzir os modos de subjetivação dos produtores do conhecimento, provoca Gerald Raunig⁵. Para o autor, a universidade-fábrica seria uma máquina monstruosa, na qual estudantes, diversos e diferentes ao início do processo, seriam transformados em pessoas uniformes adequadas para a exploração numa sociedade uniforme. E o autor acrescenta: em tempos de mercantilização do conhecimento e de transformações econômicas que colocam as universidades na lógica do mercado, à ideia da universidade-fábrica teria que somar-se a ideia de universidade-empresa para comportar as novas modulações do controle no capitalismo e suas formas de funcionamento mais capilares e sutis.

No contexto do capitalismo contemporâneo, que alguns chamam de capitalismo cognitivo⁶, a produção, aquisição e disseminação do conhecimento transformou-se em imperativo, deixando em segundo plano a possibilidade de fortalecer os processos de emancipação e o exercício da liberdade de pensamento e ação. Experimentamos cotidianamente a invasão do espaço do pensamento e da pesquisa por procedimentos burocráticos infundáveis – preenchimento de formulários, currículos, relatórios de produtividade. Essa invasão é acompanhada por uma aceleração dos processos de trabalho, um aumento exponencial da exigência de produtividade, um gerenciamento empresarial da produção acadêmica e do tempo de trabalho e por novos modos de governo de si⁷ em um ambiente em que disciplina e vigilância se associam a visadas liberais de um autocontrole voluntário.

QUARTO GESTO: SENTIR OS EFEITOS EM NÓS

Quais seriam as consequências desse quadro para os corpos e as subjetividades? O que a inflação e a aceleração

que ocorrem no mundo contemporâneo - nos processos de produção de conhecimento, na circulação de imagens e de informações - e nos próprios processos do vivo (pensamento, movimento, comunicação, relações, trocas,) -, produz nos corpos e nas subjetividades?

Han⁸ tem analisado o modo de vida predominante no século XXI, buscando compreender a forma como o modo de produção desta fase do capitalismo tem interferido na vida psíquica e emocional das pessoas produzindo as patologias contemporâneas. Para ele, a sociedade do cansaço e do desempenho possui suas enfermidades fundamentais: doenças neuronais como depressão, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e síndrome de burnout. Nessa sociedade, que é também da superprodução e da comunicação excessivas, a exigência de produtividade é introjetada através de uma auto exploração silenciosa e constante. Os sujeitos do desempenho são “empresários de si mesmos”, que se auto exploram. O excesso de estímulos e informações e a falta de tempo desagrada a atenção, impede o pensamento e a contemplação e dificulta a criação de laços afetivos reais.

Também para Berardi⁹, as condições da vida contemporânea no Capitalismo Mundial Integrado¹⁰ e os efeitos na subjetividade das tecnologias digitais e da mediatização das relações estão estreitamente vinculadas ao crescimento das patologias na esfera afetivo- emocional. Para o autor, o fato de que nos últimos quarenta anos o suicídio cresceu enormemente, em particular entre os jovens, é um dado que precisa ser explicado em termos psicológicos e sociais.

Trata-se de um processo muito complicado que não pode ser reduzido a linhas de determinação simples. A combinação de condições técnicas, sociais, comunicacionais pode produzir, e de fato produz, uma condição de individualização competitiva e de isolamento psíquico que provoca uma extrema fragilidade⁹.

Num cenário como este de devastação do meio ambiente, de devastação psíquica, de empobrecimento e precarização, as formas como nos relacionamos com nosso trabalho nos deixa expostos à saturação patológica, produzindo um efeito emocional de ansiedade, depressão, paralisia do desejo e dessensibilização¹¹.

Estamos, portanto, diante de um problema colocado à vida no contemporâneo, que se impõe para a Terapia Ocupacional, nos constringendo a considerar de forma indissociável as relações entre modo de vida, trabalho, cotidiano e produção de adoecimento, articuladas a uma dimensão clínica do cuidado e uma dimensão crítica do pensamento e da pesquisa. Clínica e crítica como operações que se fazem na crise, diante do choque, do trauma, das paradas nos processos do vivo – para que a vida possa encontrar novos caminhos para continuar¹².

QUINTO GESTO: PENSAR AS RESISTÊNCIAS, O CUIDADO E A CRIAÇÃO

Como resistir no âmbito da produção de conhecimento se, como afirma Guattari¹⁰, a atividade teórica dificilmente escapa à tendência do capitalismo que é de separar toda prática dos investimentos desejantes?

São muitas as batalhas e múltiplas as estratégias de enfrentamento desse estado de coisas, e o caminho que quero experimentar aqui será o de afirmar a indissociabilidade entre pensamento, sensibilidade e ação: convocar o corpo para reativar uma dimensão sensível ao que nos acontece num plano comum que nos permita pensar e experimentar para além dos contornos individuais e pessoais.

Butler¹³ propõe pensar a possibilidade de resistência como agência, pois é no domínio da ação que o inesperado pode acontecer. Para a autora, a possibilidade de agência insere-se na dinâmica do poder e dos afetos: é condicionada por um mundo e uma linguagem que nos antecede e pode, também, alterar essas condições. Nesse sentido, estar submetido a uma certa forma de funcionamento social implica uma relação afetiva com o mundo, no sentido de que se é afetado por algo, e é no interior dessas relações de afeto e poder que se pode encontrar formas que fraturem padrões, desviem ou rompam com automatismos, instaurando outras formas de vida.

Assim, se a subjetividade corporificada foi invadida pelo excesso que compõe nossos cotidianos, provocando uma dessensibilização e favorecendo funcionamentos congruentes ao estágio atual do capitalismo; se o corpo esgotado

não aguenta mais a aceleração e o excesso e, por isso, se entristece, adocece e mingua; o corpo é também, e sobretudo, a usina onde essas experiências podem e serão maquinadas, produzindo modos de vida, ora mais enfraquecidos, ora mais potentes, a depender de como se faz no encontro com os outros corpos (p.38)¹².

Nesse sentido a produção de conhecimento enquanto criação engajada em seu tempo e comprometida com as urgências postas à vida, pode ser também uma forma de resistência.

Adotando esta perspectiva, gostaria de destacar o papel que as mulheres têm desempenhado na proposição de uma outra forma de pensar e de fazer ciência que pode compor-se com as práticas de resistência. Com sua entrada no mundo do trabalho universitário, as mulheres não somente tiveram que se submeter à lógica deste mundo, eminentemente masculina, mas também introduziram aí diferenças, em termos de afeto, poder e subjetividade,

que podem instaurar uma forma de fazer e agir que resiste à redução do trabalho acadêmico a uma produtividade incessante, que tem como consequência o desmoronamento do mundo comum, o desaparecimento do espaço público e a deterioração dos modos de vida individuais e coletivo.

Talvez a cultura feminista possa ser considerada, como propõe Berardi⁹, uma das poucas formas culturais e existenciais – e eu acrescentaria, ao lado das culturas de povos originários, das culturas africanas e diaspóricas e da cultura antimanicomial – que poderia criar lugares psíquicos e físicos de autonomia frente à violência a que temos sido submetidos.

E o campo da Terapia Ocupacional é fortemente marcado por uma cultura feminina, e talvez pudéssemos dizer, feminista¹⁴. As primeiras terapeutas ocupacionais eram mulheres em ponto de se darem conta de todos os direitos e todas as possibilidades de vida que lhes eram negados. As terapeutas ocupacionais são, ainda hoje, em sua maioria, mulheres. Mulheres que lutam por sua emancipação política e pessoal e que, nesse caminho, encontram outras pessoas que também têm seu direito à vida e à liberdade negados. Se defrontam e confrontam, assim, experiências limites, acontecimentos que “violentam o pensamento e forçam a revisão das categorias tradicionais” (p.20)¹⁵.

SEXTO GESTO: LENTIFICAR A CIÊNCIA

A primeira mulher que quero trazer para nossa conversa é a filósofa Isabelle Stengers. Em uma conferência em 2011, ela fez um apelo aos cientistas por uma ciência lenta, num contexto em que a economia do conhecimento e as novas políticas de investimento em pesquisa fazem a aceleração moldar toda a pesquisa científica¹⁶.

O apelo de Stengers¹⁶ visa instaurar o tempo necessário para produzir as questões que uma ciência rápida não pode formular. Ela diz que sua função como filósofa não é descrever o provável, mas ativar o possível, para que as universidades possam recuperar sua tarefa de criação de futuro. Um futuro que só pode se abrir se pararmos de ignorar os tipos de complicações que nos colocam diante de verdades muito inconvenientes sobre clima, poluição, envenenamento do meio ambiente, esgotamento de recursos naturais, desigualdades sociais crescentes, violência cotidianas. O que esse vislumbre de futuro exige com urgência é exatamente o sentido do apelo da filósofa: uma ciência lenta.

Abrir um espaço-tempo para o pensamento é recuperar práticas de desaceleração e instaurar momentos nos quais novos valores possam surgir: aulas em que alguém se sente transformado pela compreensão da perspectiva do outro; reuniões em que os participantes experimentam pensar

juntos; proposições e ações voltadas para a interação com a comunidade; experimentações poéticas.

No contexto das exigências de produtividade a que estamos submetidas, esses acontecimentos parecem fora de lugar e tornam-se invisíveis para os relatórios que buscam avaliar a produtividade e a reprodutibilidade de nossas ações. Tomados como pontos fortes de uma nova política acadêmica e científica, no entanto, poderiam constituir-se em um índice de que podemos recusar a obediência às exigências de um progresso insustentável, para constituir uma comunidade atenta à necessidade de alterar seus modos de agir neste mundo. Como diz Stengers¹⁶, é certo que na situação atual o grito de ‘outra ciência é possível’ pode soar uma utopia, mas a própria ideia de que nosso futuro pode escapar ao pior é também uma utopia.

SÉTIMO GESTO: ESCUTAR AS FEMINISTAS

O feminismo negro e as pesquisas feministas acadêmicas e ativistas têm realizado, de modo incisivo, uma crítica à forma hegemônica de se fazer ciência no contemporâneo. Para essas vertentes teórico-políticas, esta forma de conhecimento corresponde a uma forma específica de ser e de agir no mundo: a do homem, branco e ocidental, que quer tudo conhecer e tudo controlar¹⁴.

Segundo Haraway¹⁷, “o *Patriarcado Capitalista Branco* (como deveríamos nomear essa coisa escandalosa?)” (p.35) transforma tudo em objeto a ser conhecido e em recurso a ser apropriado, escravizado ou destruído. O mundo e tudo que o constitui torna-se matéria submetida ao interesse investigativo, de modo que a natureza é vista como matéria-prima da cultura, na lógica do colonialismo capitalista, reafirmando o poder do único ser que estaria habilitado a produzir conhecimento: o Homem, que é branco e ocidental. Como correlata dessa homogeneização do mundo, surge uma ciência que se quer única e universal, com postulados generalizantes, operando por reducionismo e impondo ao planeta uma linguagem como parâmetro para toda forma de produção de conhecimento válido. Para a autora, “o que o dinheiro faz no âmbito das trocas do capitalismo, o reducionismo faz nos poderosos âmbitos mentais das ciências globais” (p.31)¹⁷.

Braidotti et al.¹⁸ apontam que as epistemologias feministas examinam as formas de fazer ciência, e os impasses aos quais elas têm levado, à luz de fenômenos extremos da história contemporânea: regimes totalitários, genocídios, processos coloniais e crise ambiental. As autoras salientam que a visão ocidental do mundo e sua ciência excluiu por muito tempo as mulheres das atividades intelectuais e problematizam as experiências das mulheres

nos ambientes acadêmicos nos quais é frequente o sentimento de desqualificação e a emergência de conflitos em relação às práticas e os modos que aí predominam.

Já Collins¹⁹ chama a atenção para a forma como a diferença das experiências de homens e mulheres leva a diferenças na forma de pensar e de pesquisar, isto é, as perspectivas e os pontos de vista que constituem os conhecimentos são enraizados em condições reais e materiais concretas. E, o mais importante, quando diferentes perspectivas emergem de grupos com poderes diferentes, elas não têm o mesmo valor nas academias e instituições científicas: a desigualdade em termos de poder gera desigualdade no acesso a recursos, financiamentos, publicações e credibilidade. A forma de agir e pensar do homem branco ocidental prevalece como a forma válida para produzir conhecimento científico e os processos de validação de conhecimento são institucionalmente controlados por eles e representam seus interesses. Assim, num campo científico masculinamente ordenado, princípios considerados femininos, como cuidar e nutrir, são frequentemente desvalorizados.

As críticas feministas, no entanto, não se colocam numa batalha contra a ciência. Se fazem no seu interior para chamar a atenção para a multiplicidade e a parcialidade do conhecimento científico - produzidos a partir de corpos enraizados em situações específicas - sua contingência e sua dependência de acontecimentos concretos. Trata-se sempre de saberes localizados que emergem de uma rede de relações.

Além disso, a singularidade da experiência de opressão experimentada pelas mulheres negras traz para o debate as marcas do colonialismo, da escravidão, do apartheid e de outros sistemas de dominação racial. Mulheres negras pensam e produzem conhecimento a partir de um ponto de vista que é tanto afrocêntrico quanto feminista, fazendo emergir uma epistemologia que reflete elementos de ambas as tradições.

É importante, portanto, afirmar que não há um ponto de vista feminista único. Pontos de vista são enraizados em condições reais e materiais concretas. Como diz Ribeiro²⁰, há várias possibilidades de ser mulher.

Hooks²¹ desenvolveu um trabalho marcado pelo esforço, comum a várias feministas negras, por desconstruir a categoria “mulher”, lutando contra o essencialismo e insistindo que o sexo não é o único fator que determina a construção da feminilidade. Essa perspectiva criou uma revolução nos estudos acadêmicos feministas, desafiando a universalização da experiência das mulheres brancas como representação da experiência de todas as mulheres. Enfatizando o entrelaçamento entre raça, gênero e classe social, Hooks²¹ salientava a importância do lugar a partir

do qual se fala e se escreve para que seja possível reconhecer as diferenças da condição feminina.

Mas a recusa do essencialismo e da universalização de uma figura feminina não impede de encontrar um comum na experiência das mulheres em uma sociedade patriarcal: “Não há ninguém entre nós que não sentiu a dor do sexismo e da opressão sexista, a angústia que a dominação masculina pode criar na vida cotidiana, a infelicidade e o sofrimento profundos e inesgotáveis” (p. 104)²¹.

Pode-se considerar, assim, que as mulheres compartilham uma experiência comum: uma história de opressão relacionada, entre outros fatores, a condições materiais da sexualidade e da reprodução. Essas condições materiais compartilhadas podem atravessar divisões de raça, classe social, religião, orientação sexual ou etnia e formar a base de um ponto de vista das mulheres com suas múltiplas epistemologias. O que sugere que as condições materiais da opressão podem variar dramaticamente e ainda gerar algum solo comum¹⁹.

A existência de pontos de vista diferentes de mulheres brancas, negras, indígenas, cis, trans, heterossexuais, homossexuais, e de outras maneiras de experimentar desajustes em relação à forma hegemônica de ser, de pensar e de fazer ciência, faz emergir epistemologias diversas que colocam em questão o que se entende por verdade e a forma como ela é construída.

Por outro lado, ao transversalizarem-se, diferentes pontos de vidas das mulheres encontram um comum nas proposições feministas: uma ética e uma política de epistemologias localizadas, limitadas, situadas, corporificadas e responsáveis, pautadas na ética do cuidado. “A corporificação feminista, as esperanças feministas de parcialidade, objetividade e conhecimentos localizados, estimulam conversas e códigos neste potente nóculo nos campos de corpos e significados possíveis” (p. 41)¹⁷.

Se a ciência e o ambiente acadêmico reproduzem desigualdades e relações de opressão, é preciso propor formas de pesquisar e validar conhecimento em outras bases, colocando a experiência no centro de novas epistemologias; e construir ambientes que possam ser pautados pelo cuidado e que privilegiem o diálogo, a contestação e as conexões em rede para que seja possível transformar os sistemas de conhecimento e as maneiras de viver, recuperando a ligação entre o pensamento, o corpo e a vida.

Para mim a teoria nasce do concreto, de meus esforços para entender as experiências da vida cotidiana, de meus esforços para intervir criticamente na minha vida e na vida de outras pessoas. Isso é o que torna possível a transformação feminista. Se o testemunho pessoal, a experiência pessoal,

é um terreno tão fértil para a produção de uma teoria feminista libertadora, é porque geralmente constitui a base da nossa teorização. Enquanto trabalhamos para resolver as questões mais prementes da nossa vida cotidiana (nossa necessidade de alfabetização, o fim da violência contra mulheres e crianças, a saúde da mulher, seus direitos reprodutivos e a liberdade sexual) nos engajamos num processo crítico de teorização que nos capacita e fortalece (p.97)²¹.

OITAVO GESTO: CORPORIFICAR OS DEVIRES

Pensar na produção de saberes localizados é considerar o conhecimento produzido a partir de uma posição específica no espaço e no tempo: o espaço biológico e político do sujeito corporificado. As mulheres e seus modos de vida só podem ser pensados tomando biologia, política, história e cultura de forma indissociável. Trata-se de considerar seus corpos em sua realidade material, suas histórias de vida, mas também a história das mulheres no mundo ocidental moderno, sua ligação com as tarefas da reprodução social, desenvolvidas no espaço privado, sua associação com a vida familiar, seu lugar social definido em relação ao padrão majoritário. Sem esquecer todas as lutas empreendidas para ocupar o espaço público, experimentar a liberdade, e afirmar um lugar próprio que não se defina em relação ao padrão, mas que se construa a partir da própria experiência no mundo. Essas realidades corporais, essas histórias de opressão, essas histórias de luta e resistência, tudo isso se conjuga de formas insuspeitas para disparar um devir-mulher numa forma de vida e um devir-feminino numa forma de pensar.

Para acolher e dar existência a esses devires é preciso inventar outras línguas, outras formas de pesquisar e de ensinar, formas imprevistas, não preexistentes, tanto menos determinadas quanto mais singularizadas. Como diz Deleuze²², “a língua deve atingir desvios femininos, animais, moleculares” (p.12).

O devir feminino do pensamento aponta para uma potência do pensamento de escapar ao já sabido, ao já sistematizado, de explorar terras estrangeiras, o que só pode se dar pela possibilidade de pausa, lentificação e experimentação, para que outras respostas possam se fazer no corpo²³ e seja possível pensar diferentemente. Trata-se de um movimento

pelo qual, não sem esforços e hesitações, sonhos e ilusões, nos separamos daquilo que é adquirido como verdadeiro e buscamos outras regras de jogo (...) o deslocamento e a transformação dos parâmetros de pensamento,

a modificação dos valores recebidos e todo o trabalho que se faz para pensar de outra maneira, para fazer outra coisa, para tornar-se diferente do que se é (p. 305)²⁴.

Assim, é importante marcar, o devir feminino do pensamento não é prerrogativa das mulheres. O pensamento, quando se faz, implica sempre um devir, um aventurar-se por terras desconhecidas, um sair do padrão, ou *outrar-se*. Se a filosofia e a ciência, em sua face majoritária, buscam normatizar o pensamento, quando ele se faz escapa sempre ao padrão, forja saídas, inventa mundos e tece relações. Assim, para experimentar um devir-feminino na escrita, na pesquisa e no pensamento, não basta ser mulher, embora uma mulher tenha um componente de fuga que vibra em seu corpo, libertando ou agonizando, e que insiste, buscando desfazer a sua própria formalização.

Falar de um devir feminino é falar de uma potência que pode ser acessada nos corpos de homens e mulheres. Uma potência que é disparada quando as experiências das mulheres, em suas dimensões corporais e culturais, se inserem nestes mundos predominantemente masculinos que são os espaços da produção de conhecimento. Experiências e encontros que instauram zonas de vizinhança e de co-presença, novas bordas que podem induzir a uma transformação dos agenciamentos pré-existentes. Para Deleuze e Guattari²⁵, o devir mulher é o primeiro dos devires, do qual todos os outros derivam num processo de minoração que, passando por um devir criança, um devir negro, um devir índio, um devir animal, caminha em direção a uma molecularização da experiência, a partir da qual é possível fraturar as estruturas de poder do mundo ocidental.

Assim, um devir é sempre minoritário. A maioria não é apenas numérica, ela supõe a existência de um padrão. Mas, insiste Deleuze²⁶, a maioria não é ninguém. É um padrão vazio no qual muitas pessoas se reconhecem. Mas, ao lado disso, o que há? – pergunta o filósofo. Há todos os devires que são minoritários. A maioria não é ninguém; a minoria é todo mundo: mulheres, negros, indígenas, pobres, crianças, pessoas com deficiência, loucos, velhos. Essas vidas experimentam cotidianamente um desajuste em relação ao padrão. E é claro que essa experiência de não conformidade pode ser enfrentada com estratégias de negação, ocultamento,

disfarces que procuram uma aproximação ao padrão. Mas pode também disparar políticas minoritárias.

“É preciso conceber uma política feminina molecular, que se insinua nos afrontamentos molares e passa por baixo e através”, dizem Deleuze e Guattari²⁵ (p.68). Uma política que será também uma política do pensamento, da ação, da escrita, dos afetos. Uma política que, arrastada pelo devir feminino do pensamento, aponta um sentido de minoração, para pensar e exercitar possíveis enfrentamentos das estruturas de poder que atravessam o trabalho na universidade e a forma como o pensamento e a pesquisa vêm sendo instrumentalizados pelo produtivismo acadêmico.

Se podemos todos experimentar um devir mulher, o pensamento, a pesquisa e o ensino na pós-graduação, que foi histórica e majoritariamente exercido por homens – até pelo menos meados do século passado, quando as coisas começaram a mudar – esse trabalho acadêmico pode experimentar um devir, uma deriva, a partir de experiências do pensamento de contornos e desenhos mais femininos, que possam criar minorações nestas formas hegemônicas. Trata-se de um devir forjado no exercício do pensamento, por muitas mulheres, e por muitos homens também*, no interior de uma forma específica de pensar, que é a forma da ciência ocidental. Pois, é importante lembrar, o pensamento pode ter muitas outras formas!

Vislumbra-se a potência da terapia ocupacional, uma profissão cuja maior parte das profissionais são mulheres, para contribuir com a análise e a compreensão do problema que nos concerne aqui. Uma contribuição para a abordagem desse problema, que compreende a possibilidade de escapar às modelagens restritivas da vida e do trabalho no contemporâneo.

Que desajustes e desencaixes em relação aos modelos dominantes acompanham essas mulheres, e hoje muitos homens também, que são tocadas por um desejo de diferença?²⁷. Gentes empenhadas em cuidar de vidas e de pessoas historicamente invisibilizadas, consideradas insignificantes ou não inteligíveis; que buscam acompanhar pessoas que se movem em outras velocidades e lentidões, escapando com elas, ao menos um pouco, de um mundo em aceleração. Mulheres e homens que não querem fortalecer uma forma de vida que já está em vias de se esgotar, esgotando consigo os corpos, as subjetividades e o mundo.

* O pensamento de Deleuze e Guattari está “infestado” por rachaduras e discontinuidades e pela presença dos intercessores – elementos não filosóficos, buscados para minorar o pensamento e escapar à produção de sistemas. O deslocamento que aparece no pensamento dos autores de *O anti-Édipo* a *Mil Platôs*, da produção ao devir, indica um caminho de minoração. Da mesma forma, Foucault, que parte da problematização do Saber e do Poder, faz, no final de sua vida, uma torsão em direção à produção de subjetividade, à estética da existência, à política da amizade e ao cuidado de si. O cuidado é um tema das mulheres, uma prática deixada para as mulheres no mundo ocidental. Alçado à categoria de conceito, encarna e expressa o devir feminino do pensamento de Foucault. Do saber e do poder ao cuidado e à estética da existência, o pensamento se feminiliza.

Para adaptar-se, encaixar, caber e ser bem-sucedida no mundo da produção capitalista – e da produção acadêmica que já acompanha inteiramente a forma de produção do capital –, uma pesquisadora precisa calar em seu corpo aquele componente de fuga e desencaixe. Para escapar, por outro lado, é preciso acompanhar e desdobrar esse componente de fuga, é preciso devir-mulher. E o devir, ao contrário do padrão, é sempre coletivo.

NONO GESTO: DEVIR PARA CUIDAR

Para terminar, quero levantar aqui algumas pistas para provocar um devir feminino no pensamento. Essas pistas estão aqui para convidar a exercícios sobre si, a serem experimentados na exploração de outros modos de ser, pensar, agir, como propõe Foucault²⁸, tomando a ética do cuidado de si como prática de liberdade. Cuidado de si que é sempre uma maneira de cuidar dos outros e do mundo.

1. Não separar corpo e pensamento; não dissociar mundo e vida: o devir feminino do pensamento é um saber do corpo que se faz a partir da sensibilidade na relação com o mundo e no contato com a vida que, em nós, pulsa;
2. Abrir o pensamento à experiência e ao acontecimento: criar portas e janelas e mantê-las abertas aos outros e às sensações que se fazem no corpo;
3. Cultivar o diálogo, os encontros e as amizades: o devir feminino do pensamento se produz em relação, no seio de uma multidão;
4. Criar espaços para receber e acolher as diferenças, as intensidades e tudo que ainda não tem nome nem sentido: é sempre através de uma intensidade que o pensamento nos advém;
5. Oferecer nutrientes para compor com as diferenças: ser feito terra que recebe a semente e compõe com ela para que uma nova vida possa advir;

6. Saber esperar e lentificar para gestar um pensamento: a criação precisa de tempo, e o tempo da criação é o tempo do próprio processo – algo só pode nascer quando está pronto para nascer;
7. Não ter pressa e não querer adiantar o processo de desenvolvimento de uma ideia: a criação que nasce precisa de tempo e acompanhamento para crescer;
8. Renunciar às certezas: não saber tudo, não ter respostas para tudo, construir muitas perguntas, uma dose de desconhecimento é necessária para convocar um engajamento imaginativo com aquilo que se quer conhecer;
9. Poder deslocar-se, não se fixar demais: um tanto de desenraizamento é necessário para explorar novas terras;
10. Suportar as turbulências: o pensamento, quando acontece, se dá sempre em devir;
11. Combater o desejo de imortalidade e onipotência: o devir feminino do pensamento se faz pela vulnerabilidade;
12. Cuidar do mundo, dos outros e de si mesma: pensar diferentemente exige cuidado e responsabilidade;
13. Amar e confiar no processo: amar o que é, como é, é afirmar seu vir a ser, seu processo de diferenciação, estéticas da existência...

DÉCIMO GESTO: IMAGINAR

Para terminar, convoco Hooks²¹, e sua forma amorosa de ensinar e de pensar. Para ela,

A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula é um ambiente de possibilidades, onde se tem a oportunidade de trabalhar pela liberdade, abrir a mente e o coração e encarar a realidade, enquanto se imagina, coletivamente, modos de cruzar fronteiras e transgredir (p.273).

REFERÊNCIAS

1. Rosa MD. A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento. São Paulo: Escuta/FAPESP; 2016.
2. Gaiotto EMG, Trapé CA, Campos CMS, Fujimori, E, Otrenti, E, Carrer FCA, Barreto, J O M, Nichiata, LYI, Cordeiro L, Bortoli MC, Yonekura T, Torna TS, Soares CB. Síntese rápida para enfrentamento do sofrimento psíquico de universitários: é tempo de uma política. São Paulo: Escola de Enfermagem da USP; 2021. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2021/06/1253556/ebook-saudemental-versao-final-1.pdf>
3. Evans TM, Bira I, Gastelum JB, Weiss LT, Vanderford NL. Evidence for a mental health crisis in graduate education. Nat Biotechnol. 2018;36(3):282-4., 2018. doi: <https://doi.org/10.1038/nbt.4089>

4. Machado AM. Violência institucional e sofrimento psíquico [vídeo]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; 29 out. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/xitY3CGP4oA>
5. Raunig G. Modulation Mode: factories of knowledge. *Transversal Webjournal*, 2009;1-6. Available from: <https://transversal.at/pdf/journal-text/174/>
6. Galvão AP, Cocco G, Silva G, editores. *Capitalismo cognitivo: trabalho, redes e inovação*. Rio de Janeiro: DP&A; 2003.
7. Foucault M. *O governo de si e dos outros*. Curso no Collège de France (1982-1983). São Paulo: Martins Fontes; 2011.
8. Han B-C. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Ed. Vozes; 2017.
9. Berardi F. Neoliberalismo, assexualidade e desejo de morte [Entrevista concedida a Juan Íñigo Ibáñez]. *Outras Palavras* (São Paulo). 2017 jan. 27. Disponível em: <https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/neoliberalismo-assexualidade-e-desejo-de-morte/>
10. Guattari F. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense; 1981.
11. Berardi F. *Depois do futuro*. São Paulo: Ubu Editora; 2019.
12. Lima EMFA, Inforsato EA, Castro ED. Corpo e duração: uma experimentação performativa. *Rapsódia*. 2020;14(1):33-8. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-9772.i14p33-58>
13. Butler J. Conferência Magna. In: *I Seminário Queer: Cultura e Subversões da Identidade*, São Paulo, 9-10 set. 2015.
14. Lima EMFA. Terapia ocupacional: uma profissão feminina ou feminista? *Saúde Debate*. 2021; 45(130): 154-67. <https://doi.org/10.1590/0103-11042021E112>
15. Vilela E. *Silêncios tangíveis: corpo, resistência e testemunho nos espaços contemporâneos do abandono*. Porto: Afrontamento; 2010.
16. Stengers I. Another science is possible! A plea for slow science [Lecture]. Brussel: Faculté de Philosophie et Lettres, ULB; 2011. Available form: http://we.vub.ac.be/aphy/sites/default/files/stengers2011_pleaslowscience.pdf
17. Haraway D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*. 1995;5(1):7-41. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>
18. Braidotti R, Charkeiwicz E, Häusler S, Wieringa S. *Mulher, ambiente e desenvolvimento sustentável*. Lisboa: Instituto Piaget; 1994.
19. Collins PH. The Social Construction of Black Feminist Thought. *Signs*. 1989;14(4):745-773. <http://www.jstor.org/stable/3174683>
20. Ribeiro D. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen; 2019.
21. Hooks B. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Martins Fontes; 2017.
22. Deleuze G. *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34; 1997.
23. Favre R. Trabalhando pela biodiversidade subjetiva. *Cad Subjetividade*. 2010;12(1):108-23. <https://doi.org/10.2354/cs.v0i12.38452>
14. Foucault M. O filósofo mascarado. In: Motta MB, organizador. *Arqueologia das ciências, história dos sistemas de pensamento. Ditos e Escritos II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2000.
1. Deleuze G, Guattari F. *Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível*. In: Deleuze G, Guattari F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. Trad. Sueli Rolnik. São Paulo: Ed. 34; 1997. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2015/01/03/1730-devir-intenso-devir-animal-devir-imperceptivel-gilles-deleuze-felix-guattari/>
2. Deleuze G. *O abecedário de Deleuze*. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UdGJT2Fac_g
15. Lima EMFA. Desejando a diferença: considerações acerca das relações entre os terapeutas ocupacionais e as populações tradicionalmente atendidas por estes profissionais. *Rev Ter Ocup Univ São Paulo*. 2003;14(2):64-71. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v14i2p64-71>
1. Foucault M. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: Motta MB, organizador. *Ética, sexualidade e política. Ditos e escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2004.

